

Paulo Torres Bento

História Nossa

Crónicas de tempos passados por terras de Caminha e Âncora

Meus Caros Amigos

Desculpem o meu atrevimento de os tratar com tanta familiaridade sem a vossa autorização mas, para mim, é uma maneira de me ajudar a desfazer o nó que sinto na garganta.

Nó porque é a primeira vez que me vejo metido nestes trabalhos.

Nó porque a última apresentação a que assisti me deixou muito traumatizado.

Eu conto.

Local: Auditório da Biblioteca Almeida Garrett no Porto. A abarrotar

Livro: um dos últimos de Saramago

Na mesa: Zeferino, representante da editora, Maria de Lurdes Pintassilgo, José Saramago e o apresentador do livro.

Como é normal a cerimónia começou com a intervenção do apresentador que falou....hora e meia!!!

A partir de certa altura, cada vez que fazia uma pausa a audiência aplaudia e ele continuava...

De tal maneira que quando foi a vez da Maria de Lurdes Pintassilgo, ela frequentemente perguntava ao Zeferino “há quanto tempo estou a falar?” .

E ainda, no fim, o José Saramago que não era uma pessoa fácil, arrematou com um “o livro que foi apresentado não fui eu que o escrevi...!”

Espero que comigo não se passe o mesmo.

Quando o Dr. Paulo Torres Bento me endereçou o convite para apresentar o livro fiquei preocupado porque seria a primeira vez que veria metido nestas andanças.

Mas era-me difícil recusar.

Primeiro porque o Dr. Paulo Torres Bento é neto do Dr. Flausino Torres, pessoa de alto nível intelectual, de enorme prestígio e coragem na luta contra o regime salazarista e que tive o privilégio de conhecer pessoalmente.

Depois, porque ao analisar o meu Processo da PIDE que fui buscar à Torre do Tombo encontrei, a certa altura uma “Informação” datada de 19 de Maio de 1960 que - e passo a citar – “foram testemunhas abonatórias do réu José António Gomes Bento, de Aveiro, os estudantes João Adelino Marinha Morais Cabral e José Matos Summavieille , durante o julgamento no Tribunal Plenário do Porto ”.

Ora, o Réu José António Bento é precisamente o Pai do Dr. Paulo Torres Bento.

Ele e eu fomos Amigos e companheiros de luta em Coimbra.

Perante estas duas circunstâncias, como disse, eu não podia declinar o convite

O livro é constituído por 86 Crónicas publicadas no Jornal Digital “Caminha 2000” no “Terra e Mar” de Vila Praia de Âncora que podem ser agrupadas em 6 áreas temáticas:

- Viajantes Accidentais
- Das Praias de Moledo e Âncora
- Alvores do Desporto e da Imprensa
- Momentos e Conjunturas
- Figuras em Contexto
- Património Comum

Viajantes

Começa o Dr Paulo Torres Bento por nos facultar os relatos de vários viajantes estrangeiros que passaram por Caminha, começando por um cronista inglês do século XII e terminando com o do também inglês Lord George Herbert, este já em fins do século XIX.

Dessas descrições podemos ter “fotografias”, se assim se pode chamar, da nossa região que cada um deles descreve, com mais ou menos pormenor, da maneira de viver dos seus habitantes e da sua hospitalidade.

Mais à frente ainda é referida a permanência, em 1895, do francês André Peticolin que, de todos, foi o único que se mostrou desagradado com a sua estadia em Caminha.

E, depois, surge-nos com uma **Surpresa**.

Ou melhor, com duas surpresas havendo entre elas, porém, um elemento comum:

Moledo e Âncora.

como povoações com o casario encostado às areias do mar apenas surgiram há....150 anos!!!

Foi ontem!!!!

Antes, junto às praias, nada existia!

Moledo aparece mercê daquilo que hoje se denomina empreendedorismo de um homem chamado António Afonso – o rei Afonso – que cria o primeiro hotel e luta incansavelmente crescimento da sua terra de adopção.

Com Âncora, como a conhecemos agora, já é diferente.

É produto da imigração da família Verde que vem da Galiza, unicamente com o fito de pescar, para a praia de Gontinhães, que até à sua chegada, era um mero povoado bem encostado aos montes.

E depois, viajamos no tempo até finais do Sec XIX, inícios do Sec XX chegando mesmo aos seus meados, e temos uma descrição de todo o ambiente que rodeava a vida em Moledo com os banhos de mar, a sua vida social e as personalidades de renome que aí veraneavam como altos responsáveis do Estado Novo ou da cultura como Almada Negreiros, a sua mulher Sara Afonso e o poeta Ruy Cinatty.

Pelo seu lado, Âncora, embora “fundada” na mesma época tem um percurso algo diferente, sendo realçado o seu velho republicanismo e daí, provavelmente, a sua oposição muito generalizada ao Estado Novo.

Mas o **Desporto** também não é esquecido sendo enfatizado o remo e o futebol, actividades que ainda dominam.

No entanto neste ponto, gostaria de me debruçar um pouco sobre o “ Raid automóvel de 1922” onde é dito que – e passo a citar – “ o feliz candidato a automobilista, adquirido o motor, encomendava depois a sua carroçaria e decoração interior numa oficina especializada “.

E aqui, com a licença do Dr. Paulo Torres Bento, vou meter a primeira das minhas duas “colheradas”.

Porque na minha casa havia o hábito de guardar tudo, tenho na minha posse o contrato de compra do carro – um Clément-Bayard – que o meu Avô adquiriu em 1908.

Vale a pena lê-lo – na minha opinião – porque mostra a imagem que, na época, se tinha de um carro:

Uma máquina muito complicada cuja aquisição implicava uma análise cuidada e um contrato muito, muito minucioso.

Senão reparem:

- Ano de compra, como disse, 1908
- Empresa vendedora: Empresa Automobilística Portuguesa (que ainda existe em Coimbra mas, agora, com o nome de Auto-Industrial)

E que clausulava, entre outros pontos:

- Potência: 15/22 cavalos (e assim fica explicado porque era possível às Senhoras irem de carro com aqueles chapéus de grandes abas apenas presos com lenços. A velocidade teria de ser mesmo muito reduzida)
- macaco
- toda a ferramenta própria
- faróis
- tapetes não de pano
- tablier em acajou
- amortecedores de choque
- entradas laterais.

Mas não fica por aqui, pois o contrato referia ainda (entre mais outras coisas como disse)

- a existência de uma corneta
- e
- quatro rodas iguais

Mas há mais.

O preço de aquisição do carro ainda incluía os direitos

ao ensino gratuito de condução
e,

nos 4 meses seguintes à aquisição do carro, a um motorista para, quinzenalmente, conduzir o meu Avô a Moimenta da Beira, onde era Juiz, que apenas teria de suportar as despesas com a sua alimentação.

A **Imprensa** do concelho não podia deixar de ser objecto da atenção do Dr. Paulo Bento que nos descreve os jornais aqui publicados desde a “Gazeta de Caminha” de 1897 até à primeira edição do “Terra e Mar” de Vila Praia de Âncora (mas ainda referindo o início da segunda vida deste periódico em 1987) ou seja um panorama de 75 anos sobre toda a publicação jornalística da zona.

Lemos estas páginas e estamos a ver o reflexo que teve na nossa terra a vida nacional – e mesmo a internacional - nomeadamente a política.

A Monarquia, o advento da República, a Monarquia do Norte e o Estado Novo, tudo ali está espelhado de uma maneira ou de outra de acordo com a orientação política dos seus redactores.

Eu gosto de **História**.

Mas gosto particularmente daquilo que os franceses designam por “petite histoire” isto é os pequenos acontecimentos sem importância de maior mas que nos permitem viajar no tempo, reconstituir modos de viver, visionar os ambientes, reconstituir o dia a dia das pessoas, imaginar como os acontecimentos se passaram

Enfim, ver o chão sobre o qual as coisas acontecem.

E isso passa-se quando se lêem os capítulos sobre “A derradeira Quebra dos Escudos”, ou “Fontes Pereira de Melo veio no primeiro comboio”, “Caminha estreia cinema....”, as crónicas sobre a raiva e sobre os horários de trabalho etc.

Há, no entanto dois que me permito realçar.

Um, da amaragem do hidrovião no Rio Minho pela enorme agitação que deve ter provocado em toda a população das redondezas.

Outro, sobre a morte do contrabandista Montemór por se enquadrar numa actividade generalizada e perfeitamente aceite por toda a gente e, não poucas vezes, sustentáculo da sobrevivência de famílias inteiras (este, em especial, por se enquadrar perfeitamente no tal “chão” de que falei há momentos).

Propositadamente deixei para o fim a referência ao capítulo sobre Colégio dos jesuítas de A Guarda – o Colégio Nun`Álvares.- que sendo herdeiro dos colégios portugueses de Campolide e de S. Fiel teve uma enorme importância no quotidiano de Caminha quer mercê do número de alunos que albergava e do estrato social donde provinham quer do que representava de reflexo dos acontecimentos ocorridos em Portugal.

No capítulo sobre o Associativismo nas freguesias é referido que apesar do esforço posto pela primeira República no campo da escolarização os resultados obtidos foram pouco profícuos.

Com efeito de 1911 para 1930 a alfabetização apenas subiu de 30% para 38%, e com disparidades regionais enormes!

(E aqui vai a minha segunda colherada)

Mas depois de 1926, a orientação quanto à alfabetização altera-se e surgem afirmações espantosas!

E de pessoas conceituadas!!

Assim, João Ameal diz em 30 de Dezembro de 1928 in “Educação Nacional”

“Portugal não precisa de escolas. Ensinar a ler é corromper o atavismo da raça... Na nossa terra há alguns espíritos sem preparação mental que se interessam pela obrigatoriedade do ensino primário, como se fosse uma das primeiras necessidades fisiológicas do povo”

E, Teixeira de Abreu (Diário das Sessões da Assembleia Nacional, 23 de Março de 1938):

“Rapaz que fique distinto na instrução primária é um rapaz perdido para a família...”

Querubim Guimarães, (no mesmo Diário das Sessões mas com data de 26 de Março do mesmo ano):

“É de defender, em princípio, a obrigatoriedade do ensino?...Tenho as minhas dúvidas”

Por fim, Alfredo Pimenta, in “A Voz” e “Educação Nacional”:

“...Um dos factores principais da criminalidade é a instrução”

E chegamos à **parte final** do “História Nossa” que se pode sub- dividir em dois grupos de crónicas:

- um dedicado a **personalidades**, nascidas na nossa região que se notabilizaram em diversas áreas

Armas como Gaspar Serpe (não propriamente como guerreiro), Pitanga e Penca

Música como Rebelinho e família Fão

Pintura como Julião Martinez

Política como Villas-Boas, João de Sá, José António Guerreiro, Sidónio Pais

Poesia como Elias Gavinho

Ciência como Luciano Pereira da Silva

Cultura como Marrocos

- outro dedicado aos **lugares, ou monumentos** que devem ser visitados chamando a atenção para eles e sobre eles fornecendo elementos sobre a sua história.

Bom.

É altura de terminar sob pena de aqui a pouco – à semelhança da história que contei no princípio - começarem a dar palmas, cada vez que eu respirar, convidando-me a dar por finda esta minha intervenção..

Este é um livro que gostei muito de ler.

E que, tenho a certeza, todos vão, também, apreciar.

Senhor Dr. Paulo Torres Bento

Acredite que me admira todo o extraordinário trabalho de pesquisa e de recolha de documentação que teve e que consubstanciou neste livro,

e

aproveito a oportunidade para lhe agradecer, em meu nome e em nome das gentes da nossa terra – e estou seguro de não estar a abusar e de apenas estar a transmitir um sentimento generalizado –, ter-nos facultado tanta, e tão rica informação sobre Caminha e Áncora.

Só esperamos, sinceramente, que haja continuidade.

Porto, 22 de Outubro de 2015

